



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IX ★ — FEVEREIRO DE 1968 — ★ — Nº. 2

— ELETRO—AÇO ALTONA S/A —

— Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone, 1338 —

— Caixa Postal, 30 - Telegramas: ELACO —

— ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU —

SANTA CATARINA



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

Blumenau

em Ladernos

TOMO IX ★ — FEVEREIRO DE 1968 — ★ — N.º 2

A «CASA SÃO JOSÉ»

Muitos, por certo, ainda se recordam do casarão que existiu entre a Casa Moellmann e a propriedade de Carlos Wahle, na rua 15 de Novembro. Foi demolido, há poucos anos, para dar lugar ao acesso à Ponte «Governador Adolfo Konder», que liga a cidade ao bairro de Ponta Aguda.

A história dessa casa é interessante e está intimamente ligada aos fastos religiosos e sociais de Blumenau. As suas origens confundem-se com as do próprio município.

A 7 de setembro de 1884, o então vigário da paróquia de S. Paulo Apostolo de Blumenau, reuniu, na casa paroquial, um grupo de cidadãos, perante os quais leu os estatutos da sociedade beneficente, que já vinha sendo preparada anteriormente, denominada «S. Joseph Männer-Verrein» (Sociedade de homens «São José»). Aprovados êsses estatutos, elegeu-se uma diretoria provisória. Com 29 votos foi eleito presidente Michel Schmitz, tendo 15 dos presentes votado em Jacob Schmitt para o cargo. Augusto Sutter e Henrique Reuter foram eleitos vice-presidentes; Jacob Weiss e José Wamser, secretários e João Kluge e H. Zimmermann, tesoureiros. Foi também escolhido um conselho permanente composto de Carlos Weege, Adão Heckmann, Alex Tarnowsky, João Hostert, Val. Vogel, Miguel Anesi, Sebastião Treis e Jacob Theis.

Não conhecemos os estatutos referidos na ata que resumimos. Mas, segundo se deduz dos protocolos posteriores, a sociedade se destinava a auxiliar os sócios nas suas dificuldades e enfermidades, proporcionando-lhes pensão na velhice e montepio aos herdeiros e auxílio funeral.

A segunda reunião foi realizada a 5 de outubro e, nesta, já se fizeram modificações substanciais. A mensalidade foi alterada para 200 réis e o auxílio funeral para 20\$000. Procedeu-se, na ocasião, à eleição da diretoria definitiva que ficou constituída de Jacob Schmitt como presidente, Augusto Sutter, vice, como primeiro e segundo secretários João Schmitz e José Wamser, como tesoureiro H. Zimmermann e como conselheiros Valentim Vogel, Henrique Reuter, Adão Heckmann e João Hostert.

Como geralmente acontece em casos semelhantes, a fundação da sociedade suscitou comentários, uns pró, outros contra. Houve até quem a

criticasse e fizesse mau juízo dos fundadores. Assim é que já na reunião de 7 de dezembro foi aprovada a expulsão dos quadros sociais de Mathias Gotselg que andou falando mal da sociedade e até da religião.

Na assembléa geral de janeiro de 1885, a diretoria foi confirmada para outro período e resolveu-se confeccionar uma bandeira para a sociedade, nomeando-se porta-estandarte o Sr. Carlos Weege e como assistentes do mesmo Alexandre Tarnowsky e Francisco Reuter. A sociedade, ultrapassando as suas finalidades precípua, fiscalizava o comportamento dos seus associados, tanto assim que, na reunião de fevereiro, seguinte, falou-se em punição para aqueles sócios que não haviam comparecido à procissão de 25 de janeiro (festa de São Paulo Apostolo), e em outra, para os que não participaram das comunhões mensais. Também eram punidos com multa os sócios que atrasassem as contribuições.

A sociedade, entretanto, ia lutando com dificuldades e caminhando vagarosamente, tendo o vigário que intervir, resultando dessa intervenção a exoneração, a pedido, do presidente que, na reunião de 2 de maio de 1886, foi substituído por João Kluge. Apesar de tudo, o movimento financeiro não devia ser dos piores pois que, em determinada ocasião, a Diretoria aprovou a proposta de alguns sócios para que a importância existente nos cofres da sociedade pudesse ser emprestada a juros módicos a pessoas que oferecessem garantias de devolvê-la quando solicitada. Mais de uma vez, o Padre Jacobs compareceu às reuniões para tratar de assuntos religiosos, como foi o caso da reunião de 2 de outubro de 1887, ocasião em que fez uma longa preleção sobre as atividades da maçonaria contra a igreja católica.

De outra feita, a diretoria acorda em que fôsse acêsa, todos os domingos e dias santos, durante a missa, uma vela no altar de S. José.

Em julho de 1890 o Padre Jacobs aproveita a reunião da sociedade para chamar a atenção da diretoria e dos sócios para o perigo que as novas leis republicanas representavam para a religião. O vigário referia-se às inovações que a mudança do regime político do país, necessariamente, teve que fazer e contra as quais ele se insurgira desde o começo e que lhe causariam mais tarde, amargas contrariedades e não menos travosas vicissitudes. Aconselhava, então, a todos, que se qualificassem eleitores e que votassem nos homens que representavam a repulsão à nova ordem de coisas, lendo, então, a êsse respeito, o manifesto dos católicos do Rio Grande do Sul que o «Deutsches Volksblatt» reproduzira em língua alemã. No fim do ano de 1892, foi resolvido que as reuniões da sociedade, dali por diante, seriam apenas 4 por ano, a primeira a 25 de janeiro, festa de S. Paulo, a segunda no dia da comunhão geral, a terceira no dia da Ascensão e a última a 1.º de novembro, dia de Todos os santos.

Já então o Padre José Maria Jacobs havia transferido a paróquia aos Padres Franciscanos e falecera no Rio de Janeiro, no Hospital da Gamboa, onde se recolhera, atacado de febre amarela.

O novo vigário, Frei Zeno Wallbroehl, propôs, então, que a Sociedade se fundisse com outra existente na paróquia. A decisão ficou para outra reunião e nesta, que se realizou a 18 de março de 1894, foi aprovada a proposta de dissolução pura e simples da Sociedade de São José, isso porque a mesma já não despertava interesse do reduzido número de associados, nem da diretoria que já poucas vêzes se reunia. Nessa ocasião, ficou decidido que, dos fundos existentes em caixa, seriam destinados 50\$000 para ser dita uma missa anual durante 50 anos seguidos, em intensão dos sócios vi-

vos e falecidos e mais 18\$000 para serem rezadas 9 missas em 9 dias consecutivos no altar de São José, na intenção dos sócios e os restantes 122\$000 seriam destinados à construção da igreja de Indaial. O armário, de propriedade da Sociedade foi doado à Escola São Paulo, e o estandarte Social deveria permanecer na igreja matriz. E, assim, desapareceu melancolicamente a entidade que nascera com tanto entusiasmo e tantas esperanças. E alguém escreveu a lapis, no final da última ata, à guisa de crítica, esta sentença: "Moral da história: todo o começo é fácil"

A idéia, entretanto, não morreu. A paróquia ia se desenvolvendo e o trabalho missionário dos franciscanos pelo interior do município ia atraindo cada vez maior número de católicos às práticas religiosas na ma-



A «Casa São José», tal como se apresentava pouco antes da sua demolição, para dar lugar ao acesso à Ponte Gov. Adolfo Konder, na Ponta Aguda.

triz da paróquia. Aos domingos, vinha gente à missa de tôdas as partes da colônia. Uns de carro, carroça, outros a cavalo, defrontavam-se, quase sempre, com dificuldades para encontrar estacionamento para os seus veículos e animais e para a alimentação. Foi-se, assim, firmando a ideia de reerguer a Sociedade São José, com finalidades mais amplas e mais atuais. Além do lado beneficente, teria uma sede, onde os colonos católicos do interior encontrariam hospedagem durante as horas de sua permanência na cidade, para assistirem às missas e aos demais ofícios litúrgicos.

Em 1905, sendo vigário da paróquia o frei Crisólogo Kampmann, estruturou-se a associação, da qual foi eleito presidente o Dr. Wiegando En-

gelke, médico renomado e que, depois de muitos anos de permanência em Joinville, em cuja vida social e religiosa teve atuação destacada, transferiu residência para a localidade de Salto Weissbach, próxima a Blumenau.

Nesse tempo, ainda existia, na entrada da rua das Palmeiras (atual Alameda Duque de Caxias) o velho Barracão de Imigrantes, que jazia inaproveitado, depois de ter servido, por decênios seguidos, como abrigo provisório dos colonos recém-chegados. O Estado pretendia desfazer-se dele. A comunidade Evangélica entrou na concorrência. Mas, graças à interferência do Frei Beda Koch, que era amigo pessoal do Cel. Vidal Ramos, então no governo de Santa Catarina, o casarão foi vendido à Associação de São José que o demoliu, empregando o material na construção da sua sede, em terreno cedido pela paróquia, em frente ao convento franciscano e à margem direita da rua 15 de novembro, com fundos para o rio Itajaí.

Foi paga ao Estado, através da coletoria local, a soma de 1.220\$000 (Ncr\$ 1.22) pela venda do barracão.

A 31 de agosto daquele ano de 1905, o bispo diocesano de Curitiba, de que a paróquia de Blumenau era sufragânea, D. Duarte Leopoldo e Silva, depois de ir a várias outras cidades do Estado, chegou a Blumenau em visita pastoral. Aproveitou-se a estada desse prelado para lançar a pedra fundamental da «Casa de São José». O ato foi feito com solenidade, tendo se lavrado a seguinte ata que foi encerrada nos alicerces:

“No ano da graça de 1905, no dia 8 de dezembro, na data da Natividade de Nossa Senhora, no pontificado do Papa Pio X, gloriosamente reinante, sendo Bispo da Diocese de Curitiba Dom Duarte Leopoldo e Silva, sendo Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, o Conselheiro Rodrigues Alves, sendo Governador do Estado de Santa Catarina o Coronel Vidal Ramos Junior, sendo Guardiã do Convento de Santo Antônio em Blumenau e vigário da Paróquia de São Paulo Apóstolo e diretor da Associação de São José o Padre Crisólogo Kampmann OFM., sendo juiz^o de Direito desta comarca o Dr. Aires d'Albuquerque Gama e Superintendente Municipal Alwin Schrader, presentes a Diretoria e membros da Associação de São José, foi lançada a primeira pedra e benta pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo desta Diocese de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva, do edifício destinado aos fins da Associação de São José. Em fé do que se lavrou esta, na presença das pessoas abaixo assinadas. (Assinados) Dom Duarte, Bispo Diocesano, Frei Crisólogo Kampmann OFM. Frei Herculano Limpinsel, OFM., ex-Minister Prov. Frei Marcellus Baumeister, OFM., Dr. Wiegand Engelke, Presidente, Jacob Schmitt, vice-presidente, Rodolfo Bogado, 1^o secretário, o coletor Francisco da Cunha Silveira, Pedro Kieser, 2^o secretário, Rodolfo Ferraz, José M. Marsch, Henrique Herkenhoff, Johann Koehler, Karl Ostmann e duas outras ilegíveis”.

Afinal, no ano seguinte, o prédio foi inaugurado. Antes, o «Blumenauer Zeitung» publicava o seguinte anúncio: “União de São José — Quinta feira, 1^o de novembro de 1906. Às 11 horas, inauguração da sede da Sociedade e às 19 horas, no mesmo local, Teatro com peças em alemão e português. Entrada 1\$000. Para os sócios \$500” —

A cerimônia constou de missa solene, depois bênção do prédio, com os subsequentes comes e bebes. Às 7 da noite começou a representação teatral, no palco do salão. Primeiramente, veio uma peça em português, em 2 atos, seguindo-se outra em alemão, em um ato, e, em seguida, outra em alemão em 5 atos, encerrando-se com mais um ato cômico, representando

uma escola pública no começo do século 19, que fez rir a platéia a bandeiras despregadas. Todos os amadores se houveram com muita naturalidade, desempenhando os respectivos papéis como se foram já artistas de longa prática.

A casa São José passou, então, a ser administrada por um ecônomo, que a provia do necessário e fazia as despesas necessárias ao funcionamento das hospedagens e atendimento dos associados do interior, pagando determinada soma, a título de aluguel e recebendo parte dos lucros que se verificassem. O primeiro ecônomo foi Henrique Wahlbroell. José M. Fleisch foi ecônomo até 1909, seguindo-se-lhe Wloch até 1911, Scharff até 1912,



Henrique Michels e sua esposa Maria Catarina Theiss, últimos proprietários da «Casa São José». O casal deixou numerosos descendentes, dentre os quais se destacam personalidades de relevo na sociedade blumenauense.

Jean Michel até 1917 e, por último Ricardo Bürger até 1927 quando, pelo progresso verificado na cidade, onde já se haviam estabelecido várias casas de hospedagem e muitas outras facilidades de acomodações para os que viessem de fora, e pela decadência em que se encontrava a Sociedade propriamente dita, foi a mesma dissolvida e a «Casa São José» foi vendida ao Sr. Henrique Michel que a geriu até 1952, quando a lei municipal n.º 318, de 19 de março, declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação parte do terreno e do respectivo prédio. Pela lei 386, de 21 de outubro do mesmo ano, foi autorizada a desapropriação pelo valor de 500 mil cruzeiros, cujo pagamento seria feito em partes de 200 mil em apólices da Dívida Pública Municipal e os restantes 300 mil em 3 prestações.

E, assim ultimada a transação, o imóvel passou para o domínio da Prefeitura que mandou demoli-lo naquele mesmo ano.

Desapareceu, assim, um estabelecimento que já se tornara tradicional. Durante os anos que se seguiram à fundação, êle representara papel preponderante na vida social dos católicos blumenauenses. Mensalmente ali se realizavam festas e reuniões. Os casamentos e batizados geralmente acabavam em alegres cervejadas e danças, em meio à maior ordem e camaradagem. Realizavam-se, seguidamente, também, representações dramáticas e houve tempo em que até foi ali instalado um cinema, com sessões em determinados dias da semana. Depois que passou para a propriedade de Henrique Michels, serviu exclusivamente para hotel, embora continuassem ali os costumeiros cafés após a comunhão das pessoas do interior, as festinhas de casamentos e batizados.

Marcou época a «Casa São José»

Henrique Michels, o derradeiro proprietário dessa casa, nascera em Indaial a 8 de julho de 1883 e era filho de João Melchior Michels e neto de Peter Michels que imigrara, viuvo com 6 filhos, em Blumenau, em 1863. Henrique era casado com Maria Catharina Theiss, de quem houve os seguintes filhos: Aloísio, nascido em 14/10/1904, casado com Dolores Brandão, Elisabeth, nascida em 1906, casada com Hans Toenjes, já falecida; Litwina, nascida em 1907 e falecida no ano seguinte; Delfina, nascida em 16 de outubro de 1909, casada com Erwin Belz; Estefânia (Fany), nascida em 4 de junho de 1911, casada com Antônio Reinert; Antônio, nascido em 25 de março de 1913, casado com Maria Inês Campos; Bertoldo, nascido em 25 de dezembro de 1914, casado com Orlandina Maфра; Arnaldo, nascido em 16 de junho de 1916; Verônica, nascida em 17 de março de 1919, casada com Aires Bento Trindade; Maria, nascida em 7 de setembro de 1920, casada com Gil Aurélio Rochadel; Henrique, nascido em 11 de agosto de 1922, casado com Olga Rhinow; João, nascido e falecido em 1923; Angela, nascida a 15 de janeiro de 1925, casada com Benício Carlos de Sant'Ana; Alfonso, nascido em 9 de julho de 1927, casado com Ana Machado e Ruf, nascida em 24 de junho de 1929, casada com Galdino Lenzi.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 3,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

DOMINGO DE COLONO

Como passavam os nossos avós os domingos e dias de guarda? Vivendo, quase sempre, longe de centros populosos, em ranchos ou casas solitários, em meio, ainda, à mataria quase selvagem, como lhes transcorriam os dias que a religião mandava fôsem de descanso?

Um interessante mensário que o Dr. Paulo Aldinger publicava em Hammonia (atual Ibirama) em 1905, publicava um interessante relato, em que um colono dali, descrevia o transcorrer dos seus domingos. E, geralmente, era êsse mesmo o comportamento de tôdas as famílias em quase todo o interior da Colônia Blumenau, a que Hammônia então pertencia, como sede do futuro distrito de Hansa.

Eis a tradução do interessante relato:

“Sáí, bode danado! Sáí daqui!

Acordei com êsses gritos do meu agregado caboclo. Era domingo. E eu pretendia ficar na cama um pouco mais que de costume, pois trabalhara ativamente a semana tôda. Agora, no tempo das plantações, não se pode perder nem mesmo um minuto.

Mas, atinal, que vá! Que é que a criação entende de domingo? Ela quer ser tratada todos os dias às horas certas e o grunhir dos porcos, o berrar das cabras chamavam-me à realidade. Pensar em «dolce far niente» na vida de colono não tinha vez, apesar de eu me achar já há dois anos no país.

E também como o tempo passa diferentemente daquele que vivíamos na Alemanha. Vive-se aqui mais para si, para a sua família; trabalha-se para si e eu hoje nem sequer posso me conformar com o pensamento de retornar à velha pátria, e ter que viver no tumulto das grandes cidades e . . .

— Papai, vem tomar café! interrompeu a minha filhinha os pensamentos; hoje temos cuca, acrescentou; mas . . . eu estava proibida de te dizer. Ontem, a mamãe fêz uma fôrma de cuca, juntamente com o pão.

E o caçulinha, na sua algarávia, acrescentou:

— . . . e bem gandinha e gotosa . . .

Ah! as crianças! . . . Como são diferentes das da Alemanha. Como elas aqui crescem fortes, neste ar puro e saudável que lhes desperta contínuo apetite! Não é de admirar que elas achem todas as panelas pequenas de mais para a sua devoradora vontade de comer.

Sorridente, sento-me na varanda da casa. Eu sabia que a minha mulher queria fazer-me uma surpresa com a cuca. E as crianças a traíram.

— E afinal, marido, que é que vamos fazer hoje? foi a sua primeira pergunta.

— Que fazer? Tu sabes que aos domingos eu gosto de dar uma olhada na plantação. Tu virás comigo. Depois iremos à igreja. Hoje é o primeiro domingo do mês. À tarde há reunião da Comunidade Escolar e à noite iremos a algum vizinho. Não é um belo programa?

— Isso, isso! Como tu te tornaste outro, homem! E parece-me que muitos dos nossos colonos também. Fico satisfeita que tu queiras ir à igreja, coisa que, na Alemanha, tu não fazias nem uma única vez no ano. Aqui tu ficaste calmo e satisfeito . . .

E' isso mesmo! Mas na Alemanha, aos domingos eu também ti-

nha que ficar no negócio. Quando é que me sobrava tempo para a igreja e para a família?

— Tens razão, marido. Com que má vontade eu aceitei a idéia de vir para cá; como eu imaginava medonho êste deserto o como eu fui agradavelmente decepcionada. Aqui, na verdade, nós trabalhamos mais que na Alemanha; temos que nos privar de muitas comodidades, mas nós trabalhamos para nós e para as nossas crianças. E agora vamos ter uma escola nas redondezas onde poderemos mandar ensinar os nossos filhos. Isso era a minha maior preocupação. Eu não imaginava isso, quando pensava nas grandes dificuldades que os primeiros imigrantes que aqui chegaram há 40 e 50 anos atrás tiveram que vencer . . .

— E assim mesmo há descontentes, que querem regressar à patria. Nem todos se adaptam à vida de colono. Mas, deixa desses pensamentos e vamos à roça. Vê só como o pasto está bem fechado de grama; dentro de pouco tempo a nossa vaca terá ração abundante. Possivelmente, em breve possamos ter outra.

— Devagar mulher. Nós temos uma plantação relativamente grande. O milho prospera e se o tempo ajudar, poderemos vender uns 20 ou 30 sacos. Se o preço não compensar, engordaremos com êles alguns porcos.

— Vê como cresce o aipim, a batata, em terreno livre de ervas daninhas, sempre bem capinado. As nossas árvores frutíferas, vê como já estão altas. Será que teremos frutas já neste, ou no ano que vem?

— Não esperes por isso, mulher; pensa em que plantamos as sementes há 2 anos apenas . . . Mas, deixa disso e vamos voltar, que está se fazendo tarde.

De regresso, damos uma olhadela na nossa criação. Porcos bem bonitos, a vaca com o seu bezerro, as galinhas e os patos e marrecos. Tudo é tão alegre, tão saudável e de excelente aspecto, entretanto, não chegamos ainda a ser capitalistas. Ainda há muito que fazer. Ainda falta bom chiqueiro para os porcos, um galinheiro e, mais tarde, há que construir um rancho para as vacas. Mas ainda há tempo para isso tudo. Aqui os animais não precisam de ser tão protegidos como na Alemanha.

Retornados à casa, em poucos minutos a minha toaleta está feita.

Não saímos enfeitados, graças a Deus. Mas com roupas limpas e decentes. Aqui a roupa não faz a gente. Quase uma hora de caminho até a igreja. Mas nem se nota a distância, distraído que se vai com a beleza da paisagem circundante, com as belas plantações e as casinhas limpas e alegres dos colonos, ao longo do caminho, e antes que eu o espere, estamos diante da igreja de Hammonia. Um templo alegre, embora modesto, mas suficiente para o serviço divino. Todos são conhecidos os que vêm à igreja. Aqui todos se conhecem. Tenho certeza que muitos dêstes, lá na Alemanha, nem sequer pensavam em igreja. O constante contacto com a natureza de Deus desperta aqui muitas almas. Um harmônio acompanha o canto e os fiéis escutam, atentos e piedosos, as palavras do pastor. São palavras ditadas de coração para corações. Uma hora de edificação para todos.

Depois do officio, ainda uma conversa aqui ou ali, com êsse ou aquê, um pulo até o escritório da Sociedade Colonizadora para indagar se não chegou correspondência da pátria e, depois, a caminhada de regresso à casa. A mamãe deve estar esperando com o almoço.

Uma galinha à mesa, é costume em tôda casa de colono aos do-

mingos e ainda mais: salada, aipim, em vez de batatas, verduras que nós mesmos cultivamos. Uma xícara de café encerra a refeição.

As crianças vão brincar com os filhos dos vizinhos; a mulher vai às vizinhas para o bate-papo dos cafés domingueiros e eu para a reunião da Comunidade Escolar, numa venda próxima.

Como é bonito que os colonos estejam unidos no propósito de construir uma casa de escola para os seus filhos!

A Sociedade Colonizadora doou um pedaço de terra e ainda um pequeno auxílio em dinheiro por cima; todos se obrigam a ajudar a construção gratuitamente; em pouco tempo, a casa está feita, sem despesas nem déficit, antes espera-se nova ajuda por parte da velha pátria e, por isso, nós colonos não nos preocupamos muito com as dívidas da escola. O nosso sempre ativo e prestativo inspetor escolar da Hansa já encontrará meios e modos para nos ajudar a terminar a escola.

Fica-se ainda de conversa um pouco de tempo e depois, é tocar para casa, pois a criação deve de ser tratada. A ração já fôra preparada de véspera e não há demora no tratamento dos animais.

Durante a simples mas succulenta ceia, a mulher me conta novidades que ouviu nos cochichos do café, o único vício que da Alemanha foi transplantado para aqui.

As crianças vão para a cama. De quando em quando ainda chegam vizinhos e, dentro de pouco a conversa se generaliza. Os antigos colonos, já nascidos aqui, escutam, admirados, o que os alemães recém chegados contam. Esses filhos da natureza mal podem fazer uma idéia de como se vive na Alemanha e do que vai pelas grandes cidades.

Um vizinho que participara da grande campanha na Alemanha, contou fatos com ela relacionados e com que entusiasmo e respeito êle narrava as diversas batalhas e falava nos seus comandantes!

Depois a nós, imigrantes mais recentes, tocava a vez de ouvintes atentos. A conversa derivava para as caçadas. Como alguns velhos colônos sabem contar as suas aventuras de caça e concorrer com os caçadores da Alemanha nas mentiras e nos exagêros. Quantas antas e tigres foram alvejados!

Eu, infelizmente, não vi ainda nem um único exemplar nem de um e nem de outro e, no entanto, tenho ido muitas e repetidas vêzes ao mató virgem. Finalmente, o assunto chegou ao fim com a combinação de irmos, no seguinte domingo, fazer uma caçada juntos.

Um dos vizinhos tomou uma sanfona. Nós queríamos cantar um pouco. Onde alemães se reúnem familiarmente, há cantoria. Mamãe preparou um ponche; um vizinho trouxera uma dúzia de ovos, outro o açúcar e um terceiro a cachaça e o ponche estava à disposição e as matas em redor ouviram o nosso «Deutschland, Deutschland ueber alles».

Várias outras canções foram cantadas.

De repente, todos ficaram sérios quando cantaram «Nach der Heimat moecht ich wieder» . . . e nenhum outro canto foi entoado.

Em momentos como aquele, surge, realmente, o pensamento e volta-se para a terra natal, para os amigos e parentes que tivemos de lá deixar.

Sim, é tempo de ir para casa. Um a um vai se despedindo, reiterando a promessa de ir domingo à caçada.

O domingo chegou ao fim."

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Solicitou-me o ilustre Diretor dos «Cadernos de Blumenau», meu prezado amigo José Ferreira da Silva, a minha colaboração para essa útil e interessante publicação, que desde longo tempo vem divulgando os fatos e os acontecimentos históricos de Blumenau. Já tive oportunidade de dizer, em artigo publicado num dos grandes jornais de Curitiba, que considero os «Cadernos de Blumenau» uma das mais úteis e interessantes publicações conhecidas; uma iniciativa que deveria ser imitada em outros municípios que se destacam pela sua grandeza cívica e o seu progresso no conjunto brasileiro; que ela, por isso, merece o integral apoio de todos os munícipes, porque, publicações deste gênero serão, no futuro, a mais autêntica fonte de pesquisas históricas, etnológicas e sociológicas e base segura para a elaboração de uma real História do Brasil. Assim pensando, não podia eu negar-me de emprestar aos «Cadernos de Blumenau» a minha modesta colaboração.

Sugeriu-me o ilustre Diretor dos «Cadernos de Blumenau», que relatasse algo sobre minha infância em Gaspar, o meu torrão natal, a minha “pequena pátria”. De maneira geral, sou avesso à prática de escrever memórias. Estas, quando publicadas, normalmente geram animosidades e discussões. As pessoas nelas refletidas, nem sempre gostam do retrato que delas se faz; outras sentem-se melindradas, porque julgam que não foram devidamente valorizadas; finalmente ainda há aqueles que julgam que as memórias não correspondem à realidade dos fatos e, transpirando erudição e conhecimento de causa, pretendem corrigi-las. Isto, por sua vez, não agrada ao autor das memórias e o resultado final é, que elas em vez de se constituir numa fonte de informações e pesquisas, transformam-se num foco de rancores e de inimizades. Não pretendo, por isso, escrever «Memórias» da minha infância em Gaspar. Neste e em artigos seguintes, apenas consignarei algumas lembranças, ou, se assim quizerem, algumas impressões sedimentadas no meu espírito no período de minha infância.

Já meio século decorreu, desde que deixei o meu torrão natal. Sómente para passar férias, para visitar parentes e amigos para lá voltei de tempos em tempos. Sempre gostei muito

de minha «pequena pátria» ou seja de minha «Heimat», como dizem os alemães, de sua resplandecente beleza natural, que ao observador atento oferece surpreendentes paisagens. É belo o rio Itajaí, que percorre o verde vale; são lindas as suas planícies que se vê do alto da Matriz, recortadas de rumorejantes ribeirões e circundadas pelos contrafortes da Serra do Mar ou por pequenos montes isolados. Ali, nós os meninos, vivíamos felizes, alegres e satisfeitos com aquilo que uma sociedade patriarcal nos oferecia, pescando, tomando banhos no rio e nos regatos, caçando com bodoque, frequentando a escola primária e aguardando sempre com grande expectativa e entusiasmo, as grandes festas da Igreja. Entre estas, destacava-se pela sua imponência e multidão de visitantes que atraía, pela bizarría de suas múltiplas atrações e distrações que proporcionava ao público, a grande Festa de São Pedro Apostolo, o padroeiro de Gaspar. As cerimônias religiosas revestiam-se de grande solenidade e as novenas festivas notabilizavam-se pela quantidade de rojões e foguetes que espocavam no ar, pois cada festeiro queria dar destaque especial à «sua» novena. Notáveis eram, também, o ribombar dos tiros de morteiros, que o povo chamava de «ronqueiras», os grandes leilões, as corridas de cavalo, nas quais os parceiros de toda redondeza e de municípios vizinhos competiam na raia improvisada na rua da entrada. Mil outras cousas ainda havia, que inflamavam a nossa mente infantil a ponto de julgar, não haver cousa mais linda no mundo, do que a Festa de São Pedro. Ainda hoje ela é festejada, se bem que não mais com o aspecto pitoresco dos velhos tempos. É que nós sempre tendemos ligar as cousas do passado aos homens que então figuravam no cenário da vida comunal, aqueles homens, que também movimentavam a festa. Lembro-me bem do velho J. S., que carregava e disparava os morteiros de seu filho, que fazia estourar os rojões e os foguetes, do leloeiro P. S. que, com sua verve e seu humorismo desafiava o público nos grandes leilões e de muitos outros que auxiliavam os festeiros. Eram figuras típicas, inconfundíveis na sua sábia originalidade. Foram todos substituídos por outros, uma vez que também eles tiveram de deixar o seu torrão natal, mas em caráter definitivo. A grande festa agora obedece às imposições de uma mentalidade nova, por isso que ela, para nós, que já formamos na fileira dos «antigos», já não possui mais aquele cunho sedutor e aquele fascínio que ela exercia sobre a juventude do meu tempo. A história, porém, se repete. Quando forem decorridos mais 50 anos, os meninos de hoje dirão: Ah, a

Festa de São Pedro do tempo de minha infância! . . . As de hoje não se assemelham em nada com as de meu tempo de jovem.

Viajei por todo o Brasil e por outros países. Conheci outros povos, outros usos e costumes. Nunca, porém, esquecí-me de meu pequeno torrão natal. Certo dia alguém me disse: "Tua terra é uma joia, à lapidação da qual o Criador dispensou atenção especial".

Não o contrariei; creio, que ele tinha razão.

DÚVIDA INEXISTENTE

Os que conhecem os trabalhos de Fritz Müller através da magnífica coletânea que, das mesmas, fez o sobrinho do sábio, o também cientista Alfredo Moeller, mas não conhecem certas particularidades da vida do "príncipe dos observadores da natureza no Brasil", estranham que os mesmos trabalhos sejam datados parte de Destêrro, parte de Itajaí e parte de Blumenau.

Os datados de Destêrro, foram, realmente, feitos na capital da Província de Santa Catarina, durante a permanência do sábio, ali, onde foi lente do Liceu Provincial, fundado pelo presidente João José Coutinho, de 1856 a 1867. Durante êsse tempo, Fritz Müller fez interessantes estudos sobre crustáceos e moluscos das costas catarinenses e sobre orquídeas e outras plantas da Ilha e do continente.

Agora, os trabalhos datados de Itajaí e de Blumenau, foram, todos êles, realizados, ou pelo menos, escritos em Blumenau, unicamente. Não há trabalhos do sábio elaborados na Vila ou cidade de Itajaí, como a muitos pode parecer.

Quando Fritz Müller deixou a capital da Província e regressou à Colônia Blumenau, adquiriu o terreno, onde construiu a pequena casa na qual residiu até às vésperas da sua morte, em 1897. Essa casa é a mesma que ainda existe e que é mantida pela Prefeitura Municipal, como monumento público.

Foi aí que o sábio escreveu a maior parte da sua obra extraordinária, fruto de observações minuciosas e do seu grande amor às ciências naturais.

E' o seu próprio sobrinho e biógrafo quem esclarece a circunstância, sobre o qual, aliás, não paira a mínima dúvida, neste trecho da página 94 do III tomo da obra "Fritz Müller, Werke, Briefe und Leber":

"A sua volumosa correspondência feita daqui (da nova casa de Blumenau), até os meados de 1870, é, na maior parte datada de «Itajaí». E' que o sábio ainda se sentia na mata, como colono, à margem do rio. Somente em 1875, e depois com mais frequência e, finalmente, de 1878 em diante com regularidade, datava todos os seus trabalhos de Blumenau. Daí concluímos que, daquele ano em diante, as suas comunicações com a «Stadt-platz» (a sede da Colônia Blumenau) tornaram-se mais frequentes e o caminho entre esta e a casa de Fritz (cêrca de 3 quilômetros) passara a ser mais habitada nas suas margens. A vida de colono, pròpriamente dita, havia terminado".

O PROBLEMA DO ÍNDIO

Em outubro de 1907, em mais um dos muitos assaltos de bugres aos colonos do interior de Blumenau, foi morta pelos selvagens a menina Helena Krause, de 13 anos de idade, filha do colono Pedro Krause, de Alto Rio dos Índios, então Colônia Hansa-Hammônia.

A êsse respeito, o Dr. Paulo Aldinger escreveu o seguinte artigo, que traduzimos para estas páginas, pois é uma interessante contribuição ao conhecimento do problema dos indígenas que, por muitos anos seguidos, perturbaram, com assaltos sangrentos, mortes e roubos, a vida e o desenvolvimento da colonização do Vale do Itajaí:

“Ainda no número 2 do «Hansabote», foi publicado que a direção da Colônia dirigiu-se ao Governo do Estado solicitando a vinda do conhecido e prático bugreiro Marcelino Martinho, que reside em Taquaras, na estrada Lajes-Palhoça.

Esse é o mesmo homem que, em 1905, assaltou um reduto de bugres e aprisionou e trouxe consigo duas mulheres e 10 crianças.

Em vista do pedido, êle veio com 17 homens, chegando a Hansa em 23 de novembro e aqui êle reforçou a sua turma com mais quatro homens e a 26 seguiu para Rio dos Índios, para o local do assalto ao colono Krause, no mato.

Nas proximidades do povoado não havia traço do caminho que os bugres haviam seguido; faziam curvas, iam pelos leitos dos ribeirões de forma que só mesmo olhos experimentados poderiam descobrir-lhes o rumo tomado. Martinho seguiu êsse rumo, pois, dia após dia, descobria ranchos e acampamentos abandonados.

No terceiro dia foi galgado o alto da Serra. Em cima, encontrou-se um largo caminho de bugres pelo mato. O mato é mais aberto, baixo e com muito taquari. No sexto dia os bate-dores alcançaram terreno coberto quase que exclusivamente de pinheiros e coqueiros; o terreno é plano. No dia seguinte foi encontrado um acampamento abandonado com 15 ranchos que rodeavam um pátio de 20 metros de largo, por outro tanto de comprimento, que servira para as danças. No caminho para os ranchos, do lado do mato, havia umas covas, da altura de um homem, algumas cobertas, outras não, com varas trançadas na parte de cima. Nos ranchos foram encontradas oito gamelas cõn-

cavas, de madeira de pinho destinadas à conservação de mel e também para o preparo de vinho de mel. Os indígenas não constroem os ranchos com cobertura oblíqua, apenas, mas também os fazem em forma de tonéis, com compridos paus flexíveis. Na serra, usam as folhas de cana para vedação entre êsses paus, sem qualquer amarração. O acampamento situava-se num aprazível lugar, nas elevações entre os braços do Norte e do Oeste do Itajaí. Ai devia ter-se instalado, sem dúvida, algum bugreiro, ou uma estação de amansamento de bugres. Mas de bugre mesmo, Martinho não encontrou nenhum. Segundo todas as evidências, os índios haviam se separado, indo um grupo para o Braço do Norte superior e um outro para o Braço do Oeste.

Martinho resolveu seguir o primeiro, mas partindo do Oeste. A turma voltou por outro caminho para Hansa levando seis dias de marcha. Quatro dias marcharam sobre um caminho de bugres, bem limpo, em terreno plano cheio de pinheiros, encontraram vários ranchos e até um stand de tiro, cujo alvo estava marcado sobre um couro de anta esticado. No quinto, deu-se a descida da serra no Vale do Krauel, onde se encontraram com caçadores caboclos. À tarde do sexto dia saíram do mato em Nova Zurique.

Essa incursão além do fim específico, que não foi alcançado, ou seja, um assalto aos bugres, teve o mérito de tornar conhecida a região do Alto Índios e Krauel. Com um caminho aberto pode-se, perfeitamente, alcançar o pinheiral, em um dia apenas. Assim, abrem-se boas perspectivas para futuras comunicações e aproveitamento dos pinheiros, do mate etc.

Entretanto, Martinho se encontrava na região do Rio do Oeste com a sua gente e foi, primeiramente ao rumo da Serra do Mirador e encontrou no mato uma picada de bugres, cruzou os rastros, acompanhando a estrada da Serra e alcançou, nas nascentes do Pombas, um acampamento de bugres na Serra Geral. Era exatamente na noite de Natal. Os índios realizavam uma festa com danças e cantos. Só pela madrugada é que êies se deitaram. Então deu-se o assalto de surpresa. A verdade sobre o que aconteceu é mantida propositadamente em segredo. Foram aprisionadas duas mulheres, cinco meninas entre 5 e 12 anos e 3 rapazes. Os rapazes eram, evidentemente, botocudos, com botocues no lábio inferior e de feições muito mais feias que as dos coroados, que lembram mais o tipo mongólico (pele amarelada, olhos oblíquos, maçãs salientes, cabelos pretos e lisos, feições largas). Na bacia do Itajaí havia, antigamente só botocudos.

Depois vieram os coroados e expulsaram os botocudos, roubando-lhes as crianças. Estas foram até mesmo tão bem tratadas pelas mulheres coroadas quanto os próprios filhos.

As mulheres coroadas e crianças prisioneiras pertenciam à mesma descendência das aprisionadas em 1905, como se pôde constatar pelas demonstrações dadas por estas últimas no Convento de Blumenau, de reconhecerem as primeiras.

Além do mais, foram apresadas duas lanças com ponta de ferro, 7 arcos, cêrca de 50 flechas, cintos com penas de pássaros, cordões de fibra, 6 cintos de mulheres, 10 cestos, um pilão de madeira de pinho. Dos objetos roubados na casa de Krause, foram encontrados diversos, como baú, lençóis, roupa branca e vestidos. A expedição encontrara, também, os responsáveis pelos assassinatos e roubos verificados em Rio dos Índios. Nada dos objetos roubados aos Schulze foi encontrado.

Os bugreiros perderam um homem, cujo cadaver foi levado até Pouso Redondo e ali sepultado: um foi ferido no braço por uma flechada, na viagem de regresso, pois, nessa, os bugres enxameavam em redor da turma. Em dois dias de marcha, Martinho chegou a Pouso Redondo e dali mandou os prisioneiros para Blumenau, onde êles foram entregues no Convento das Irmãs da Divina Providência.

Por tôda parte há opinião formada de que se deva fazer alguma coisa séria para resolver o problema criado pelos bugres. Se assim não fôr, teremos que continuar por mais uns 10 ou 20 anos sujeitos à intranquilidade e às periódicas correias dos índios e às incursões dos bugres.

O probema não é de difícil solução, desde que os govêrnos do Estado e da União se convençam de que a economia de dinheiro é uma raiz de todos os males.

O primeiro e melhor meio serão verbas substanciais destinadas à colonização e á sua intensificação, para o prolongamento das estradas para a serra, com o devastamento das matas virgens nas regiões dos braços do Norte e do Oeste do Itajaí.

Perdendo os seus pontos de caçadas e ocasiões para os seus assaltos aos civilizados, os bugres serão obrigados a retirar-se mais para o interior, ou para as aldeias dos seus irmãos já semicivilizados. Mas desde que não se pode esperar para breve uma tal expansão da tarefa colonizadora, é preciso, antes, lançar mão de outro meio.

Mais ou menos nas imediações do local em que foi encontrado o aldeamento, seria organizada uma estação, com bu-

greiros e cães devidamente amestrados na perseguição dos bugres. Esses bugreiros e cães seriam uma tal e constante ameaça aos indígenas que, por ali, não se sentiriam mais em segurança. No decorrer do tempo, a estação seria transformada numa Fazenda como Pouso Redondo. Ou então poderia se organizar antes num pòsto de catequese dos indígenas.

Hà três anos atrás, o Dr. Aldinger se propôs organizar um pòsto nessas condições, desde que o govêrno se dispusesse a correr com as despesas necessárias. Com o dinheiro que custa uma expedição contra os bugres poder-se-ia realizar isso e hoje o problema não existiria mais, ou pela perseguição aos bugres ou pela sua catequese. Um tal pòsto de amansamento, seria uma colonização por bugres no estilo que a êstes recomendariam as mulheres índias que foram aprisionadas no ano passado e que seriam enviadas a convencer os silvícolas de que poderiam livre e seguramente chegar-se ao pòsto, onde seriam bem recebidos e poderiam trabalhar com segurança como colonos. Se não quizessem seguir tais conselhos, seriam então perseguidos e aniquilados. Pelo menos, assim, ter-se-ia feito o que se pôde cristã e humanitariamente.

A «Liga patriótica para a catequese dos indígenas», que se fundou em Destêrro teria, com a adoção da idéia, perseguido um alvo prático e não estaria sendo acusada de proteger mais os bugres do que os brancos. Mais tarde seriam levadas para tal estação as crianças índias também para ali serem orientadas para a agricultura, pois não se tem muita certeza do que lhes acontecerá em Blumenau.

O Dr. Aldinger, como cura dalmas e pastor, conferenciou com o Juiz de Direito de Blumenau, Dr. Ayres de Albuquerque Gama, naquele sentido. O Juiz de Direito prontificou se com prazer em entender-se com o govêrno sôbre a criação de um pòsto de tal natureza quanto antes e não protelar a providência até que novos e sangrentos assaltos se verificassem.

O Govêrno Federal destinou uma verba de três mil centos de réis para uma honrosa representação no Congresso Panamericano reunido no Rio no ano passado. De outro lado temos que sofrer que jornais como o «Deutschen Auswanderer» publique coisas assim: “E’ incompreensível e lamentável a indiferença, o descuido do govêrno para com o imigrante, não lhe dando proteção contra êsses brutos e barbaros indígenas, salteadores de estrada e ladrões”. Essa acusação desta vez não a merece o govêrno do Estado, mas é tempo de que o govêrno federal providencie a solução de um problema que depõe contra a honra nacional”

COLÔNIA BLUMENAU

QUADRO ESTATÍSTICO DO ANO DE 1861

	Em 1860	Em 1861
Moradores	947	1531
Famílias	190	248
Homens	500	821
Mulheres	447	710
Maiores	486	837
Menores	461	649
Viúvos		538
Solteiros	591	956
Católicos	29	162
Protestantes	918	1369
Naturalizados	80	76
Nascimentos (1861: 26 masc. e 34 fem.)	45	60
Falecimentos (Id. 17 adultos e 11 men.)	9	28
Casamentos: Católicos	—	1
Protestantes	7	15
Mixtos	—	1

(O grande número de falecidos, extraordinário para esta Colônia, resulta dos colonos recém-chegados dos quais faleceram 23 e entre êstes 4 afogados. A causa desta grande mortalidade é a febre nervosa, que aquêles colonos já trouxeram do navio. Chegaram da Europa e de diversas partes do Império em 1861:

Homens 312, mulheres 236. Total		548
Fogos	194	251
sendo: casas sólidas	163	272
ditas provisórias:	131	179
(65 ditas estão em construção.)		
Proprietários	218	336
Profissões:		
Marceneiros	6	9
Carpinteiros	6	9
Idem de carros	2	2
Idem de canôas	1	1
Construtores de engenhos	2	2
Torneiros	2	3
Tanoeiros	2	3

	<u>Em 1860</u>	<u>Em 1861</u>
Pedreiros	3	7
Telhadores	1	2
Carniceiros	2	3
Alfaiates	2	3
Sapateiros	4	5
Seleiros	2	3
Funileiros	1	1
Ferreiros	3	3
Mecanista e espingardeiro	1	1
Caldereiro	1	1
Relojoeiro	—	1
Total		<u>57</u>
Fábricas: Olaria de telhas e tijolos	3	3
Dita de louça de barro	1	1
de vinagre	1	1
de cerveja	1	2
de charutos	1	2
Padaria	1	1
Engenho de serrar	2	3
dito para moer	2	2
Total		<u>15</u>
Estabelecimentos diversos: Botica	1	1
casas de negócio	3	5
hospedarias e tavernas	2	5
Total		<u>11</u>
Estabelecimentos rurais: Eng. de açúcar	47	51
Alambiques	47	51
Eng. Farinha de mandioca	33	47
Total		<u>149</u>
Superfície cultivada: Braças quadradas	1220000	1578000
sendo: mandioca		75000
feijão		20000
milho		200000
tubérculos		100000
cana		150000
café		25000
fumo		5000
Arrow-root (araruta)		2000
pasto		600000
terras derrubadas do mato sem plantação		401000

		Em 1860	Em 1861
Produção: Açúcar	arroba	3500	7322
Cachaça	medida	17400	22013
Farinha de mandioca	- alqueire	1430	2594
Feijão	»	404	388
Milho	mãos	27300	24640
Fumo	arrobas	43	171
Tubérculos	alqueire		5200
Café	arrobas		129
Arrow-root	»		50
Leite	medidas		19850
Manteiga	arrobas		212

Sendo o preço da farinha de mandioca muito barato, muitos colonos deixaram de fazer mandioca e a empregaram na comida do gado, ou ficou a mesma no chão. Para milho e feijão era o tempo do ano pouco favorável e tinha muitos bichos.

Animais: vacum		401	513
cavalar		58	61
caprum		—	30
suinos		1164	1097
aves domésticas			7500
Casas do Estado: Casas de hospedagem, construídas de madeira falquejada			5
cozinhas			14
latrinas			3
Quatro destas casas são construídas neste ano e uma delas fica por acabar.			
casa do padre evangélico			1
rancho e guindaste			1
Principia-se a construção da casa da escola			
Meio de Comunicação: Fizeram-se neste ano: Estradas transitáveis para carros: braças			4359
Entretanto falta ainda numa parte dessas estradas, as valas, aterros e escavações e há-se de substituir algumas pontes provisórias por pontes sólidas.			
Caminhos transitáveis para cavaleiros (braças)			7123
Faltam igualmente algumas pontes sólidas em lugar das ditas provisórias)			

	<u>Em 1860</u>	<u>Em 1861</u>
Picadas (braças correntes)		912
Pontes sólidas		18
(algumas destas precisam ainda de conserto e trabalhos para o seu acabamento que se pode só fazer depois de algum tempo.)		
Pontes provisórias		14
Bueiros		24
Barcos de passagem		2
(Além disso cinco barcos de passagens já existentes)		
Já existentes: Guindaste com carro e cadeia forte e comprida		1
Escada grande de 84 degraus		1
Medição: Picadas de frente (braças)	21033,09	
Linhas laterais e dos fundos	6177,7	

A moralização era muito satisfatória.

Existe nesta Colônia um juízo e uma sub-delegacia e só 2 pessoas foram condenadas por briga.

Colônia Blumenau, Dezembro de 1861.

O Diretor Dr. Hermann Blumenau.

A primeira visita de um governador do Estado à cidade de Ibirama (que então se chamava Hammonia e era sede da Companhia Colonizadora Hanséatica) deu-se em 7 e 8 de junho de 1906, quando o Governador Pereira e Oliveira ali chegou com grande e luzida comitiva. A população recebeu o governador com grandes festas, tendo o mesmo sido saudado pelo Dr. Paulo Aldinger, que era pastor protestante. Inspetor Escolar e um dos homens que mais propugnaram pelo desenvolvimento da Colônia. Ele foi o pioneiro da industrialização do leite em nosso município. O governador fazia-se acompanhar, entre outros, do Dr. Antero de Assis, Chefe de Polícia, do Dr. Antônio Barroso Pereira, diretor de Viação, Dr. Aristides Mello, Germano Wendhausen, Superintendente de Florianópolis, Dr. Lebon Regis, Capitão Januário, ajudante de ordens, Germano Goeldner etc. As crianças das diversas escolas da Colônia, de Hammonia, Taquaras, Sellin e Rafael compareceram, recitando algumas poesias e cantos. Os visitantes hospedaram-se na casa da Direção, onde foram muito bem tratados pelo administrador Moersch, estando o serviço de cozinha a cargo da família Schumacher, da Frau Gruse e do sr. Zuchel. O Governador viajara de Blumenau a Hammonia de carro. As casas à margem da estrada que levava àquela colônia estavam enfeitadas com palmitos e flôres. No dia seguinte, 8 de junho, o governador viajou, também de carro, pelo interior da Colônia, indo até Nova Bremen. Por toda parte foi recebido com festas, cantos, representações teatrais, música etc.

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico: "Garcia" CAIXA POSTAL N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPOES, ETC. — ATOALHADOS CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS

A PROCEDÊNCIA

GARANTE A

QUALIDADE



PRODUTOS

DE

BLUMENAU



PERFEIÇÃO SEM IGUAL